



UMA ANÁLISE DA INTERDIÇÃO DO ESTÁDIO ENGENHÃO EM BLOGUES JORNALÍSTICOS¹

Luiza Aguiar dos Anjos
Rafael Fortes

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar textos publicados em blogues tratando da interdição do Estádio Engenhão. Começamos com uma reflexão acerca do uso de blogues como corpus para a pesquisa científica. Em seguida apresentamos uma análise do material no que concerne à discussão sobre legados de megaeventos esportivos. A interdição do estádio é apresentada pelos jornalistas dentro de um cenário macro de candidatura, organização e realização de megaeventos esportivos no Brasil. A discussão passa, assim, por problemas da administração estatal e das entidades esportivas do país, o descrédito da população com relação aos dirigentes destas instituições e as relações entre empreiteiras e poder público.

PALAVRAS-CHAVE: megaeventos esportivos; blogue; futebol.

1. INTRODUÇÃO

Em 30 de junho de 2007, foi inaugurado o Estádio Olímpico João Havelange, chamado popularmente de Engenhão.² O equipamento foi construído por meio de financiamento público para sediar as competições de futebol e atletismo dos Jogos Pan-Americanos a se realizarem naquele ano na cidade.

A organização desta competição fazia parte de um projeto amplo do governo brasileiro, que abrange a Copa de Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.³ Há quem aponte que a promoção de tais eventos está em sintonia com ações em outros campos, sendo parte de uma estratégia de promoção internacional do Brasil (RUBIO, 2010; ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2014). Uma fala do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2008,

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² O apelido deve-se à localização do estádio, situado no bairro Engenho de Dentro. Em fevereiro de 2015, a Prefeitura “autorizou o Botafogo a chamar o Estádio Olímpico João Havelange de Estádio Nilton Santos”. No período correspondente ao recorte temporal do corpus, vigorava a primeira denominação, que continua sendo o nome oficial. EDUARDO Paes autoriza o Botafogo a chamar Engenhão de Estádio Nilton Santos. Lancenet, 10 fev. 2015. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/botafogo/Eduardo-Botafogo-Engenhao-Estadio-Nilton_0_1301269984.html>. Acesso em 16 mar. 2015.

³ Uma série de falas oficiais apontam nesse sentido. Vale mencionar a declaração do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, no dia seguinte ao encerramento dos Jogos Pan-Americanos, considerando que as competições foram um sucesso e reafirmando a candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2007/07/316224-nuzman-diz-que-rio-e-candidato-a-olimpiada-2016-e-pede-alianca-com-madri.shtml>>. Acesso em 23 nov. 2014.



em discurso de apoio à candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos, parece evidenciar essa dinâmica. Ele afirmou que

não se tratava de uma candidatura de “um país terceiro-mundista na busca de um espaço junto aos chamados países desenvolvidos”, reiterando que o Brasil “não é um paizinho qualquer”, já que “em qualquer quesito [...] está entre os 10 maiores países do mundo.” (ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2014, p. 20).

Os insucessos em candidaturas olímpicas anteriores motivaram o plano de ter no Pan o exemplo de competência que contribuiria para a escolha do Rio pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).⁴ Em texto escrito antes da decisão sobre a sede dos Jogos Olímpicos de 2016, embora bastante crítico⁵ em relação aos megaeventos esportivos, Mascarenhas (2009) afirmou:

Outro aspecto positivo para o Rio de Janeiro é o conjunto de instalações esportivas criado para o Pan 2007, amplamente considerado de alto nível. Ao mesmo tempo, este evento foi avaliado como uma experiência (logística) bem-sucedida, o que fortalece nossa candidatura. O próprio *know-how* adquirido com este evento nos habilita a realizar uma Olimpíada (p. 530).

A concretização desse projeto, com a escolha do Brasil e do Rio de Janeiro como sede dos megaeventos veio acompanhada de discursos laudatórios e otimistas, mas também de posicionamentos críticos e desconfiados, tanto no plano jornalístico quanto no científico.

Em março de 2013, um acontecimento acendeu os debates acerca dos legados deixados pelos megaeventos esportivos, e sobre a própria competência brasileira para realizá-los: a interdição do Engenhão. Este episódio teve três principais protagonistas: a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, financiadora da obra e proprietária, as empresas responsáveis pela construção e o Botafogo de Futebol e Regatas, clube que se tornou gestor do estádio ao vencer a licitação aberta em 2007.

Esse trabalho tem como objetivo analisar textos que trataram desse tema, publicados em blogs de veículos de comunicação com foco no esporte, de 26/3/2013 a 17/6/2013. Na primeira data, a Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou a interdição. Em 10/6/2013, através de

⁴ O Brasil foi candidato com as cidades de Brasília (2000) e Rio de Janeiro (2004, 2012 e 2016).

⁵ Para o autor, “o Pan 2007 produziu (...) instalações esportivas de excelente nível, porém destinadas ao abandono” (p. 527) e seu planejamento foi caracterizado por “falta de transparência” e “autoritarismo”, além de haver consumido “3,4 bilhões de reais, o que representa oito vezes mais do que o inicialmente previsto, quando da candidatura da cidade em 2002” (p. 524).



decreto no Diário Oficial do Município, a Prefeitura determinou que o consórcio formado pelas empresas Racional, Delta e Recome e o consórcio Engenhão (formado por OAS e Odebrecht) deveriam começar as obras na cobertura do estádio.⁶ Concluindo o recorte temporal em 17/6/2013, uma semana após a publicação do decreto, acreditamos cobrir a maior parte dos textos divulgados sobre o assunto.

O texto se organiza em duas partes. A primeira descreve o percurso metodológico, apresenta os blogues selecionados e reflete acerca do uso dessa ferramenta de comunicação como *corpus* para a pesquisa científica. A segunda analisa o material empírico, articulando-o com a discussão de dos megaeventos esportivos e seus legados⁷.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E OS BLOGUES COMO OBJETO DE PESQUISA

Em meados de 2014, realizamos um levantamento em sites de emissoras de rádio AM da cidade do Rio de Janeiro e de grupos, veículos e emissoras de comunicação. Buscamos na lista de blogues e na editoria de esportes aqueles que tivessem conteúdo voltado para cobertura do futebol fluminense e/ou bastidores do esporte.

Encontramos 41 blogues,⁸ distribuídos nos seguintes sites (o total de cada site está entre parênteses): ESPN/ESPN Brasil (12), Extra (1), Fox (9), O Globo (3), Lancenet (7), Rádio CBN (5), Rádio Globo (2) e Sportv (2).

Os seguintes sites foram pesquisados e não continham blogues que se enquadrassem nas características mencionadas: Band Sports, O Dia, Rádio Bradesco Esportes, Rádio Band

⁶ CARDOSO, Cristiane. Prefeitura do Rio decreta início imediato de obras do Engenhão. *GI*, 10 jun. 2013.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/prefeitura-do-rio-decreta-inicio-imediato-de-obras-do-engenhao.html>>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁷ A análise do material dessa pesquisa permitiu a identificação de quatro temas centrais: os megaeventos esportivos e seus legados; a atribuição de responsabilidades pelo ocorrido e pelos custos; a preocupação com a imagem externa do país; e as implicações da interdição para o Botafogo. Em função dos limites que a natureza desse trabalho comporta, apresentaremos centralmente a primeira discussão, agregando-a com alguns apontamentos do tema de atribuição de responsabilidades e custos.

⁸ Mesmo assim, diversos blogues foram excluídos, como aqueles que se dedicavam exclusivamente ao futebol praticado em outros países e continentes. A pesquisa tem uma série de *armadilhas*, referentes às idiosincrasias da organização da informação na internet: no site da ESPN, por exemplo, a lista de blogues do menu superior é diferente da disponível no menu do lado direito. Em cada blogue, fizemos o levantamento através de leitura da listagem de textos (*browse*) entrada a entrada, buscando-os por ordem cronológica de postagem, sem depender de mecanismo de busca. Os mecanismos de busca foram usados apenas nos casos em que inexistia a opção de *browse*, como nos blogues das rádios CBN e Tupi.



News, Rádio Manchete, Rádio Tupi. No que diz respeito aos quatro principais portais, uma visita à lista de blogues evidenciou escassez de material que servisse à pesquisa: Globo.com não tem blogueiro que se dedique a esporte; IG tem apenas um blogue sobre “bastidores do futebol” (Blog do Jorge Nicola); Terra não tem blogueiros nem colunistas de esporte; UOL tem vários blogues sobre esporte, mas nenhum que se dedique ao Rio de Janeiro.⁹

Dos 41 blogues, 18 tiveram ao menos um texto mencionando o fechamento do Engenhão. O universo investigado totalizou 54 textos.¹⁰

Passamos à discussão de algumas características deste universo, relacionando-as a trabalhos sobre a pesquisa de blogues em Comunicação. Em primeiro lugar, chama a atenção a pouca atenção ao esporte entre os autores que se debruçaram sobre o tema. Dos 140 trabalhos listados no estado da arte elaborado por Amaral, Recuero e Montardo (2009b), nenhum aborda o esporte, o qual tampouco é mencionado pelas autoras como um tema de investigação. Ele é mencionado apenas duas vezes em toda a obra (Amaral, Recuero e Montardo, 2009a).

A sociabilidade e as trocas proporcionadas pelos comentários são um dos aspectos destacados pelos estudiosos do tema (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009b). Optamos por não analisar os comentários dos leitores, por dois motivos: porque seu número total é reduzido e o conteúdo não nos pareceu promissor, em termos de fornecer subsídios para análise¹¹; e porque vários blogues pesquisados não os permitem.

De acordo com as mesmas autoras, a personalização também é considerada relevante pelos pesquisadores. Dos 41 blogues investigados, apenas dois eram claramente atribuídos a mais de uma pessoa. Considerando que todos estão hospedados nos sites dos veículos de

⁹ Parte dos blogues do UOL acabou incluída porque os jornalistas trabalham em emissoras ou veículos cujos sites constavam da amostragem (por exemplo, Juca Kfourir).

¹⁰ A não ocorrência de notícias em 23 blogues se explica por três motivos principais: a) o blogue não continha uma seção *arquivo* que apresentasse cronologicamente os textos e/ou um mecanismo que permitisse busca por palavras-chave; b) o blogue contava com arquivo, mas não continha textos referentes ao período desejado ou havia sido criado após junho de 2013; c) o blogue continha arquivo e textos referentes ao período desejado, mas nenhum destes abordava o fechamento do Engenhão. Há ainda fatores que não são decisivos, mas influem no maior ou menor interesse pelo futebol fluminense, como: o jornalista trabalhar no RJ ou em outra localidade; e a emissora (sobretudo nos canais de TV por assinatura) transmitir ou não aquele estadual. Retomamos esta discussão nas considerações finais.

¹¹ Isto no que diz respeito ao universo específico que investigamos. Evidentemente, os comentários de leitores deixados em sites de notícias e blogues podem constituir rico *corpus* para análise.



comunicação em que os jornalistas trabalham, por um lado, podemos afirmar que, na maioria dos casos, o aspecto pessoal (no sentido de individual) se mantém; por outro, o mesmo não ocorre com a questão da personalização tal qual destacada pela bibliografia (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009b). Isto tanto pela estrutura padronizada (em geral, todos os blogues de um veículo têm o mesmo *layout*) quanto por possíveis constrangimentos e regras (não se trata de escrever *qualquer texto, em qualquer linguagem, sobre qualquer assunto*), tendo em vista se tratar de parte da atividade profissional.

3. DISCUSSÕES SOBRE LEGADOS E MEGAEVENTOS A PARTIR DO FECHAMENTO DO ENGENHÃO NOS BLOGUES JORNALÍSTICOS

O primeiro tema de discussão em torno dos legados diz respeito ao fato de o Engenhão ter sido construído para os Jogos Pan-Americanos de 2007. Ele é chamado de o “maior símbolo do ‘legado’ do Pan”¹² e a “joia da rainha do Pan”¹³. Um dos artifícios usados foi lançar mão de ironia para apontar a contradição entre os problemas com os equipamentos construídos para aquele evento e o discurso ufanista das autoridades nos anos que o antecederam:

Some-se a isso [à interdição do Engenhão] a informação de que a natação no Júlio Delamare também foi para o belezéu, mais a demolição do Célio de Barros, assim como o fim do Velódromo, e eis que, como nunca, a três anos da Olimpíada brasileira, estamos formando uma cultura olímpica, como nos foi prometido pelo presidente do COB e do CoRio.^{14 15}

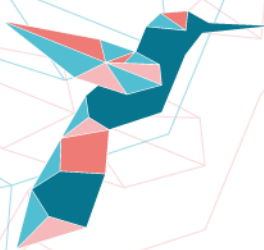
O jornalista argumenta que, longe de se tratar de um caso isolado, o Engenhão faz parte de uma regra: a das promessas não cumpridas em relação à utilidade dos equipamentos esportivos construídos para o evento. Os exemplos citados demonstram que a infraestrutura

¹² PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

¹³ MALIA, José Roberto. Engenhão, R\$ 380 mi: uma vergonha da pátria de chuteiras. E todos estão soltos! *José Roberto Malia*. 7 jun. 2013. Disponível em <http://espn.uol.com.br/post/334934_engenhao-r-380-mi-mais-uma-vergonha-da-patria-de-chuteiras-e-todos-estao-soltos>. Acesso em 16 jun. 2014.

¹⁴ CoRio é o Comitê Organizador Rio 2016.

¹⁵ KFOURI, Juca. Parabéns, Brasil olímpico! *Blog do Juca Kfourri*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/03/parabens-brasil-olimpico/>. Acesso em 01 ago. 2014.



para a realização de um megaevento não constitui necessariamente um legado positivo. Equipamentos excessivamente grandes ou cujo uso não corresponde aos interesses da cultura local podem significar um problema por gerarem altos custos de manutenção, sem um retorno à altura para a comunidade (JAGO *et al.*, 2010). Esse problema, segundo Jago *et al.* (2010), pode ser evitado se a organização do megaevento for considerada dentro do plano de desenvolvimento a longo prazo da cidade, em que seus legados são pensados dentro de um planejamento. Os autores afirmam, contudo, que isso raramente é feito e que a organização em uma perspectiva de curto prazo – e com frequência pulando etapas por falta de tempo hábil – faz com que os benefícios potenciais dos megaeventos poucas vezes sejam alcançados. Ademais, o legado de um megaevento esportivo envolve uma série de aspectos além dos equipamentos construídos ou reformados para a realização das competições, podendo ser tanto positivos quanto negativos (GIRGINOV, 2011; JAGO *et al.*, 2010; PAMPUCH; ALMEIDA; MARCHI JUNIOR, 2012).¹⁶

Colocando o ocorrido no contexto amplo de preparação para os megaeventos, alguns blogues levantam a possibilidade de os erros que levaram à interdição do Engenhão estarem se repetindo nas obras então em curso, sobretudo relativas ao Mundial de 2014: “Quem garante que os estádios da Copa não estão sendo erguidos ou reformados da mesma forma?”¹⁷ O principal argumento apresentado para sustentar a hipótese é o envolvimento das construtoras responsáveis pelo Engenhão em outras obras: “E o Maracanã? Não são os mesmos?”¹⁸ Pressa e má realização foram comumente apontadas como “características”¹⁹ que poderiam acontecer de novo: “O Engenhão é mais um de tantos casos. Não um caso desastrado de engenharia. Mais um caso de falta total de zelo. E que se repete. Ontem, hoje e

¹⁶ A discussão sobre legados é extensa e controversa. Para uma categorização dos possíveis legados positivos e negativos e uma discussão do assunto, ver os textos citados.

¹⁷ PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

¹⁸ PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

¹⁹ CALÇADE, Paulo. Estádios da Copa podem repetir o fiasco do Engenhão. *Blog de Paulo Calçade*, 2 abr. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/320441_estadios-da-copa-podem-repetir-fiasco-do-engenhao>. Acesso em 31 jul. 2014.



amanhã.²⁰

Ainda no contexto dos megaeventos, criticou-se o fato de o estádio, apesar do custo de construção e de se encontrar interditado para conserto da cobertura, necessitar de outras obras para 2016:

Projetada para receber uma Olimpíada, a arena é chamada de estádio olímpico. [...] Mas para abrigar os Jogos de 2016 teria que passar por nova reforma, fora a questão da cobertura. Precisaria de mais lugares – pelo menos 12 mil –, além de equacionar a questão do estacionamento e do transporte público até o estádio e resolver seus problemas estruturais.²¹

Um jornalista aprofundou esta discussão sobre *que obra* realizar, tendo em vista a necessidade de consertar a cobertura e de ampliar a capacidade de público para a Olimpíada. Uma das possibilidades apresentadas foi que ambas fossem realizadas simultaneamente.²²

Um argumento frequentemente usado para ressaltar a gravidade do fechamento foi que o Engenheiro se tornara o “principal palco do futebol carioca, desde o início das obras do Maracanã, em 2010”²³ e seu fechamento “deixa[ra] o Rio sem lugar decente para os jogos de seu campeonato.”²⁴ Em meio ao campeonato estadual, a capital ficou sem espaço adequado para as partidas entre os quatro principais clubes, pois os maiores estádios em uso – São Januário e Moça Bonita – não estavam autorizados pela polícia militar a receber clássicos.²⁵

²⁰ BECHLER, Marcelo. Que vergonha do Engenheiro. *Blog do Bechler*. 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/platb/marcelobechler/2013/03>>. Acesso em 21 jun. 2014.

²¹ JANCA. A interdição do Engenheiro. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/03/27/a-interdicao-do-engenheiro/>. Acesso em 22 mai. 2014.

²² CASTELLAR, Michel. COI, Maracanã e Engenheiro. *Rio 2016*, 30 abr. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/rio2016/2013/04/30/coi-maracana-e-engenheiro/>. Acesso em 29 mai. 2014. Este blogue foi o único a priorizar a discussão sobre a preparação para os Jogos Olímpicos, abordando, em outros três textos, a relação entre o conserto da cobertura e as obras para 2016.

²³ PUGLIESE, Sérgio. Engenheiro em tempos de glória. *A pelada como ela é*, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/pelada/posts/2013/03/28/engenheiro-em-tempos-de-gloria-491363.asp>. Acesso em 11 jun. 2014.

²⁴ MÁXIMO, João. O tal legado que tanto nos orgulha. *Blog de João Máximo*, 16 abr. 2013. Disponível em: < http://espn.uol.com.br/post/323301_o-tal-legado-que-tanto-nos-orgulha>. Acesso em 31 jul. 2014.

²⁵ Muitos jogos, inclusive as semifinais e final do campeonato, foram transferidos para o Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda. PENIDO, Luiz. Engenheiro interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenheiro-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.



Tal situação, problemática em si, foi considerada por alguns jornalistas ainda mais grave justamente por ser a cidade sede de competições internacionais e pelo volume de recursos gastos em equipamentos esportivos.²⁶ Tais textos inserem o fechamento do estádio e a situação decorrente num contexto amplo de crise do futebol e da administração pública brasileiros.

Outros sugeriram que o objetivo da construção limitava-se a auxiliar a candidatura da cidade a receber os Jogos Olímpicos:

O Estádio Olímpico João Havelange, nomenclatura apropriada, custou R\$ 400 milhões para uma só missão: ajudar o Rio de Janeiro a ser sede das Olimpíadas. Se tudo se desintegrar menos de seis anos depois, não tem problema.

Talvez até já estivesse combinado.²⁷

O trecho permite pensar a decisão de erguer tal equipamento esportivo – e de fazê-lo nas condições e da forma como se fez – como um meio, e não um fim. De acordo com esta perspectiva, não haveria motivo para surpresa, pois os resultados eram coerentes com os objetivos: produzir um *continuum* de gastos, que incluiria novas obras para a Olimpíada no Engenhão (reformado entre 2013-2015) e no Maracanã (fechado para reformas entre 2010 e 2013).²⁸

Em raras ocasiões abordou-se a questão dos posicionamentos a respeito dos megaeventos esportivos, em particular os das próprias empresas de comunicação e de seus funcionários, os jornalistas. De acordo com os autores que o fizeram, quem aponta os problemas, erros e crimes é considerado “baixo astral”²⁹ por um jornalismo esportivo que

²⁶ BENJA. Imaginem o que virá pela frente. *Papo com Benja*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/benja/2013/03/27/imaginem-o-que-vira-pela-frente/>. Acesso em 29 mai. 2014.

²⁷ KFOURI, André. Camisa 12. *Blog dos colunistas*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfouri/2013/03/29/camisa-12-137/>. Acesso em 22 mai. 2014.

²⁸ JANCA. Cariocas itinerantes. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 13 abr. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/04/13/cariocas-itinerantes/>. Acesso em 22 mai. 2014.

²⁹ CASTRO, Lúcio de. Odorico, Paes, Cabral, Nuzman, o estádio que honra o nome e um documentário definitivo. *Blog de Lúcio de Castro*, 26 mar. 2013. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/319097_odorico-paes-cabral-nuzman-o-estadio-que-honra-o-nome-e-um-documentario-definitivo. Acesso em 31 jul. 2014. Esta deslegitimação dos críticos, em alguma medida, também pode ser observada em certos espaços e debates científicos.



optou por ignorar questões espinhosas e que tentava criar um clima de empolgação³⁰ com a seleção brasileira e a Copa das Confederações.³¹ Voltaremos a esta questão nas considerações finais.

A menção ao custo ocupa lugar central nas argumentações dos blogueiros: tal como vários textos pesquisados, este aponta a discrepância entre os valores do orçamento inicial (R\$ 60 milhões) e do custo final (R\$ 380 milhões).³²

Longe de ser um caso isolado, a atualização de custos de arenas esportivas construídas ou reformadas nos últimos anos tornou-se um padrão. Damo e Oliven (2013), comparando os custos dos estádios para a Copa estimados em 2009 (quando da definição das cidades-sede) e em abril de 2013, evidenciaram um significativo aumento em dez dos onze equipamentos³³ - em dois casos, superior a 100%. Os autores levantam a possibilidade de que os valores iniciais tenham sido deliberadamente subestimados a fim de evitar a ira popular. A idoneidade de tais correções também é vista com desconfiança, pois as empresas que realizaram as obras são tradicionais prestadoras de serviços dos governos e têm longo histórico de financiamento de campanhas políticas (DAMO; OLIVEN, 2013).

No trecho citado, tanto o gasto além do orçado quanto a obra mal executada são vistos como uma forma de desperdício de dinheiro público. Argumenta-se que, se o alto custo e o superfaturamento são um problema *absoluto*, a interdição converteu-os também em problema *relativo*: gastou-se tal valor num estádio que “nem sequer foi bem feito”. Houve ainda textos que remeteram aos discursos de dirigentes políticos e esportivos que prometiam que os estádios seriam construídos com dinheiro privado.³⁴

Paralelamente à desconfiança relativa à honestidade dos orçamentos, existe uma

³⁰ Na visão do autor, sem que houvesse contrapartida da população. JANCA. Pra frente Brasil. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 09 jun. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/06/09/pra-frente-brasil/>. Acesso em 22 mai. 2014.

³¹ O material empírico pesquisado, em parte, foi escrito nos dias antecedentes e durante a Copa das Confederações (realizada entre 15 e 30/6/2013). Durante o período, discutiu-se bastante a infraestrutura do país, com foco não apenas naquela competição, mas na Copa do Mundo (que seria disputada um ano depois) e nos Jogos Olímpicos (2016). O Campeonato Brasileiro foi suspenso e a cobertura dos clubes – e do futebol do Rio de Janeiro – diminuiu bastante.

³² Praticamente todos mencionaram os mesmos valores, embora nenhum cite a fonte das informações.

³³ O campeonato teve doze cidades-sede. No caso de São Paulo, não foi possível comparar as estimativas da Arena Corinthians, visto que em 2009 esperava-se que o Morumbi recebesse os jogos. A Arena Amazonas foi a única cuja estimativa de 2013 – 415 milhões de reais – era inferior à de 2009 – 500 milhões.

³⁴ JANCA. Pra frente Brasil. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 09 jun. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/06/09/pra-frente-brasil/>. Acesso em 22 mai. 2014. Sobre o assunto, ver: FONSECA, Bruno *et al.* Tem dinheiro público, sim, senhor. *Pública*, 10 jun. 2014. Disponível em: <http://apublica.org/2014/06/tem-dinheiro-publico-sim-senhor>. Acesso em 20 jan. 2015.



crítica que não é centrada nas altas cifras empreendidas para a realização de megaeventos no Brasil. Analisando tais contestações, Damo e Oliven (2013) defendem que, mais do que uma posição de ordem econômica, essa questão parece ter cunho moral. Tomando as críticas aos valores empreendidos nas construções e reformas dos estádios, os autores defendem que, ao contrário do que afirmam alguns argumentos contestatórios, tais cifras dificilmente promoveriam mudanças significativas em áreas em que o Brasil apresenta graves problemas. Assim, a discussão parece partir notadamente de uma percepção generalizada de que os investimentos realizados são concentrados e definidos por uma elite econômica e política que, por sua vez, será a maior beneficiada pelo evento.

Tal como outros, um jornalista formulou perguntas:

Como é possível que um estádio construído há menos de sete anos apresente problemas estruturais? O que dizem a Odebrecht e a OAS, responsáveis pelo consórcio que ergueu a obra? O que dizem os dirigentes do Botafogo, responsáveis pela manutenção do Engenhão?³⁵

Chamamos a atenção para quatro pontos nesta citação. Primeiro, o destaque dado ao tempo decorrido entre a inauguração e a interdição, algo presente em vários textos. Segundo, creditar uma parcela de responsabilidade aos dirigentes do Botafogo, algo raro até nos textos que abordam os impactos para o clube. Terceiro, a atribuição clara de responsabilidade às empreiteiras que integravam o consórcio que realizou a construção. Quarto, o uso de perguntas como recurso para discutir os assuntos. Esta prática pareceu-nos particularmente presente em blogues de jornalistas de destaque,³⁶ como Renato Maurício Prado e Luiz Penido.³⁷ Por um lado, a maneira como as perguntas são formuladas e seu conteúdo indicam que, pela posição que ocupam, tais profissionais podem fazer críticas às vezes contundentes, num espaço editorializado.³⁸ Este tipo de posicionamento explícito raramente se dá nos espaços noticiosos regulares e por parte de jornalistas novatos. Além disso, formular perguntas pode ser uma estratégia para criticar evitando fazer afirmações que poderiam ser interpretadas como acusações, possibilitando a abertura de processos judiciais contra o autor.

³⁵ PRADO, Renato Maurício. Era só o que faltava. *O blog do Renato Maurício Prado*, 26 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/03/26/era-so-que-faltava-491249.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

³⁶ Ambos com décadas de profissão e tendo ocupado cargos de chefia em distintos veículos.

³⁷ PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <http://colunas.radioglobo.globoradio.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>. Acesso em 21 jun. 2014.

³⁸ Os textos do blogue de Prado muitas vezes são reproduções de sua coluna no diário *O Globo*.



Por outro, este recurso dá o que pensar em relação ao próprio ofício jornalístico. Afinal, ao que parece, as perguntas lançadas ao ar não chegam a ser feitas (nem pelos jornalistas-blogueiros, nem pelos repórteres dos veículos em que trabalham) a quem poderia e caberia respondê-las, para depois se apresentar o resultado ao público. Nisso consiste, em parte, o próprio *fazer* jornalístico, como indica outro texto: “Não sou engenheiro e nem advogado especialista. Não sei fazer outra coisa além de ouvir as partes envolvidas do que, na minha opinião, é um escândalo no Rio de Janeiro.”³⁹ O trecho sugere que os conhecimentos técnicos necessários para travar uma discussão aprofundada não são dominados pelos jornalistas, a quem caberia *ouvir* os especialistas. Em todas as passagens que apresentaram esta contraposição de tipos de conhecimento, o argumento se assemelha: o fato de não deter o *saber* necessário para discutir as questões técnicas de forma alguma impedia que o jornalista *percebesse o que estava acontecendo*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos a discussão sobre o fechamento do Engenhão pela Prefeitura do Rio de Janeiro em blogues vinculados a grandes empresas de comunicação. Diferentes pontos de vista e temas foram mobilizados pelos jornalistas para narrar, explicar e, principalmente, criticar o acontecimento. Eles lançaram mão de distintas formas de contextualização para apresentar possíveis causas e consequências da medida, além de discutir as responsabilidades pelo ato e pela situação anterior (às vezes remetendo ao período da construção, bem como a discursos de dirigentes políticos e esportivos justificando a candidatura da cidade e do país a sediar eventos esportivos); o cenário macro de candidatura, organização e realização de megaeventos esportivos na cidade e no país; os problemas da administração estatal e das entidades esportivas, bem como a maneira negativa com que os dirigentes destas instituições muitas vezes são vistos pela população; a imagem do Brasil no cenário internacional; as relações entre empreiteiras e poder público.

De forma geral, as falas encontradas pareceram demonstrar revolta, mas não surpresa diante da interdição. A maioria fica entre duas possibilidades: a) são contundentes, mas não apresentam (nem parecem buscar) informações básicas que permitam ao leitor compreender

³⁹ BECHLER, Marcelo. Que vergonha do Engenhão. *Blog do Bechler*. 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/platb/marcelobechler/2013/03>>. Acesso em 21 jun. 2014.



de forma clara as relações que estão sendo criticadas; b) se limitam a fazer insinuações e perguntas (para as quais, conforme argumentamos, dificilmente o próprio jornalista buscará respostas).

Consideramos importante retomar o dado de que não encontramos referências ao assunto na maioria dos blogues lidos. Diversas razões podem explicar tal situação (ver nota 9). Não obstante, um possível motivo reside nas próprias características da abordagem do esporte nos veículos de comunicação hegemônicos. Discutindo a cobertura nos EUA, McChesney (1989) afirma que o esporte é um tema que *cai bem* na mídia comercial porque frequentemente é abordado sem se discutir aspectos como política, corrupção e *doping*, o que combina com os interesses de uma mídia que quer vender a todos e se pretende, entre outras características, apaidária e comprometida com a objetividade. Gruneau (1989) afirma que, na cultura profissional do jornalismo na América do Norte, problemas e conflitos são considerados importantes notícias. Contudo, no noticiário esportivo é diferente. A ênfase é colocada na ocorrência regular de eventos e no inerente caráter positivo dos mesmos. Neste sentido, qualquer atividade que *atrapalhe* o curso dos eventos é tida como negativa: boicotes, acidentes, greves, intervenções políticas ou religiosas, fenômenos meteorológicos etc. (p. 146). Até onde sabemos, ainda estão por se fazer estudos que explorem tais aspectos no Brasil.

Além desta e das sugestões de pesquisa apontadas ao longo do artigo, apresentamos uma última: investigar, no mesmo recorte temporal, a cobertura esportiva (reportagens) dos sites dos veículos de comunicação aos quais os blogues aqui analisados estão vinculados; e também o universo de blogues de torcedores do Botafogo. Aliás, alguns blogues de torcedores realizaram uma cobertura constante sobre o assunto, narrando e debatendo cada etapa do processo que se desenrolou no período que analisamos. Essa cobertura, via de regra, traz mais informações do que os textos de jornalistas, em alguns casos acompanhada de imagens e links para os relatórios e documentos oficiais. Portanto, reside aí um objeto rico para investigações futuras do esporte na Comunicação, com o potencial de ampliar o foco dos estudos sobre torcidas e torcedores para além das torcidas organizadas, objeto de repetidos (e muitas vezes repetitivos) trabalhos.

Por fim, mencionamos dois pontos que podem ser úteis em investigações futuras, mas não foram mencionados ao longo do artigo. Primeiro, o componente de gênero do universo pesquisado: praticamente inexistem blogueiras escrevendo sobre futebol. Segundo, o pouco



uso de imagens pelos blogues. Em geral, as imagens são fotos de jogadores (comemorando gols, principalmente) ou desenhos de esquemas táticos. Como era de se esperar, houve algumas fotografias do Engenhão, de cunho ilustrativo: frequentemente não receberam crédito, nem foram mencionadas no texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Bárbara Schaustek; MARCHI JUNIOR, Wanderley. O Brasil e os megaeventos esportivos: os subsídios da política externa. *Motrivivência*, v. 6, n. 42, p. 13-26, jun. 2014.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009a.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009b. p. 27-53.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 19-63, jul.-dez. 2013.

ESCOBAR, Juliana Lúcia. Blogs como nova categoria de webjornalismo. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 217-235.

GIRGINOV, Vassil. Governance of the London 2012 Olympic Games legacy. *Internacional Review for the Sociology of Sport*, v. 47, n. 5, p. 543-558, Oct. 2012.



GRUNEAU, Richard. Making Spectacle: A Case Study in Television Sports Production. In: WENNER, Lawrence (ed.). *Media, Sports & Society*. Newbury Park: Sage, 1989. p. 134-154.

JAGO, Leo et al. Optimising the potential of mega-events: an overview. *International Journal of Event and Festival Management*, v. 1, n. 3, p. 220-237, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 505-533.

MCCHESENEY, Robert W. Media Made Sport: A History of Sports Coverage in the United States. In: WENNER, Lawrence (ed.). *Media, Sports & Society*. Newbury Park: Sage, 1989. p. 49-69.

PAMPUCH, Marcelo; ALMEIDA, Bárbara Schaustek de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Os legados estruturais dos Jogos Olímpicos (1992-2008): uma revisão de literatura. *Cadernos da Escola de Educação e Humanidades*, v. 1, n. 7, 2012.

RUBIO, Katia. Postulações brasileiras aos Jogos Olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e Movimento Olímpico. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, v. XV, n. 895 (10), 5 de noviembre de 2010.

An analysis of the interdiction of the Engenhão Stadium on journalistic blogs

ABSTRACT

This work aims to analyze texts published in mainstream media blogs that talk about the temporary closure of Engenhão Stadium. The text starts with considerations over the use of blogs as corpus for scientific research. In the following, we present an analysis of the sources on the theme of sports megaevents and their legacy. The closure of the stadium is presented by the journalists in a macro scenario of application, organization and implementation of sports megaevents in Brazil. Therefore, the discussion goes through problems of state administration and sports entities in Brazil, the population's discredit over the leaders of these institutions and the relationships between contractors and government.

KEYWORDS: *sports megaevents; blog; football.*



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Um análisis de la interdicción del Estadio Engenhão em blogs periodísticos

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar los textos publicados en los blogs sobre el tema de la interdicción del estadio de fútbol Engenhão. El texto empieza con una reflexión sobre el uso de los blogs como corpus para la investigación científica. En la sección siguiente, presentamos un análisis del material sobre los grandes eventos deportivos y su legado. La interdicción del estadio es presentada por los periodistas en un escenario macro de candidatura, organización y realización de grandes eventos deportivos en Brasil. La discusión implica los problemas de la administración del Estado y las entidades deportivas en Brasil, la incredulidad de la población hacia los líderes de estas instituciones y las relaciones entre los contratistas y el gobierno.

PALABRAS CLAVES: megaeventos deportivos; blog; fútbol.